

CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E INFÂNCIA QUE PERMEARAM A PROPOSTA DE TRABALHO PARA CRIANÇAS DE SEIS ANOS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS EM RIO GRANDE (RS)

GABRIELA NOGUEIRA (FURG), CAROLINE BRAGA MICHEL (FURG).

Resumo

Esse trabalho faz parte de um amplo projeto de pesquisa denominado A implantação do ensino fundamental de nove anos em municípios da Região Sul do Rio Grande do Sul (FaE/UFPeI/CNPq). Nesta comunicação, especificamente, problematizamos as concepções de alfabetização e infância que permearam a proposta de trabalho para as crianças de seis anos na rede municipal da cidade do Rio Grande (RS), em 2006, ano da implementação do ensino fundamental de nove anos na localidade. Para tanto, analisamos os documentos disponibilizados pelo MEC, o Projeto de Curso de Capacitação para os professores do 1º ano, elaborado pela Assessora Pedagógica do município, os Planos de Trabalho de três escolas, o Diário de Classe de uma professora de 1º ano e as entrevistas com a equipe pedagógica da SMEC–RG. Corroboraram para a análise os seguintes autores: FARIA (2005 e 2007), KRAMER (2002), SOARES (1998, 1999), FERREIRO e TEBEROSKY (1985), JUNQUEIRA FILHO (2003), SARMENTO (2003), entre outros. A partir das reflexões realizadas, consideramos que há consonância entre a proposta do MEC e do Curso de Capacitação realizado pela SMEC. Ambos sugerem uma reorganização da prática pedagógica enfocando o letramento e a alfabetização em uma perspectiva lúdica e o respeito às características da infância no contexto escolar. Os Planos de Trabalho das três escolas, têm diferentes configurações, dois são organizados por objetivos e um por temáticas. Contudo, é possível perceber que todas as propostas privilegiam a alfabetização, a matemática e os aspectos comportamentais. Analisando os registros no Diário de Classe, foi possível inferir sobre concepções de alfabetização e infância através de uma proposta de trabalho coletivo e interativo entre as crianças, desenvolvida no decorrer de 2006.

Palavras-chave:

ensino fundamental de 9 anos, alfabetização, infância.

INTRODUÇÃO

Neste texto descrevemos os caminhos percorridos pela Rede[1] Municipal de Educação do Rio Grande/RS no ano da implantação do Ensino Fundamental de Nove Anos (EFNA) em 2006, com a finalidade de problematizarmos quais concepções de alfabetização e infância nortearam a proposta de trabalho para as crianças que ingressaram nessa etapa de ensino. Cabe destacar que esta investigação de caráter qualitativo, faz parte de uma pesquisa maior sobre *A implantação do ensino fundamental de nove anos em municípios da Região Sul do Rio Grande do Sul (FaE/UFPeI/CNPq)*[2]. Consideramos que a socialização desta pesquisa é pertinente,

uma vez que outros municípios também estão em processo de mudança do Ensino Fundamental (EF) para 9 anos.

Desde a promulgação da Lei 11.274/2006 que dispõe sobre a mudança do EF, muitos trabalhos têm abordado essa temática, entre eles: GORNI, 2007, KRAMER, 2006, LIMA (2006), SANTOS e VIEIRA, (2006), PAGEL e NASCIMENTO (2006); os quais vêm contribuindo na reflexão sobre a educação para as crianças em fase inicial de escolarização.

No caso desse texto, analisamos três entrevistas semi-estruturadas, duas com a Assessora Pedagógica[3] e uma com a Secretária de Educação[4], o Projeto de Curso “Capacitando professores para atuar no 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos” [5] , três Planos de Trabalho[6] e um Diário de Classe de uma professora do 1º ano.

Primeiramente, abordamos possíveis convergências entre as orientações do Ministério da Educação (MEC) para o EFNA e o Projeto de Curso elaborado pela SMEC, e entre os Planos de Trabalho organizados por professoras de turmas de 1º ano de diferentes escolas e o Diário de Classe de uma dessas professoras. Após, apresentamos os resultados preliminares e questionamentos que surgiram ao longo da pesquisa.

Orientações do MEC para o EFNA e Projeto de Curso SMEC do Rio Grande: possíveis convergências

Com o objetivo de orientar gestores e professores sobre o EFNA, o MEC publicou em 2006, um documento com dez artigos escritos por pesquisadores reconhecidos no meio acadêmico[7]. Observamos já na introdução forte ênfase na temática da infância, ou seja: “Consideramos a infância eixo primordial para a compreensão da nova proposta pedagógica necessária aos anos/séries iniciais do ensino fundamental e, conseqüentemente, para a reestruturação qualitativa dessa etapa de ensino” (MEC, 2006: 9).

A alfabetização e letramento também aparecem como temas centrais no documento destacando a relação da criança com a escrita, criticando a supervalorização da alfabetização nos primeiros anos do EF diante das outras áreas de conhecimento, apontando o professor como mediador e a reflexão sobre o que,

como e o porquê trabalhar: “[...] Este é um momento adequado, também, para revermos nossas concepções e práticas de alfabetização” (MEC, 2006: 11).

Analisando o Projeto do Curso de Capacitação elaborado pela SMEC do Rio Grande em 2006, identificamos semelhanças em muitos pontos abordados no documento do MEC. De acordo com a Assessora Pedagógica esta aproximação ocorreu por existir uma preocupação em estudar o material do MEC para, além, de conhecer a proposta do governo, utilizá-lo como aporte teórico para embasar a reflexão de questões que envolvem o trabalho com crianças de 6 anos, ou seja: “[...] a gente trabalhou em cima daquele livro do EF de 9 anos do MEC, porque ali traz as orientações e tudo que a criança precisa. [...] Esse ano as escolas estão recebendo, mas ano passado eu achei esse material porque baixei da internet [...]” (Assessora: 16/05/07).

No ano anterior, em 2005, segundo a Secretária de Educação, a SMEC fez um levantamento nas escolas com vista a identificar:

Quais as escolas teriam espaço e interesse para iniciarmos esse processo e também ter o cuidado do professor, quem é esse professor que vai trabalhar com o 1º ano. [...] para a surpresa a maioria das escolas tinha esse espaço então quase 90% da nossa rede já tem implantado o 1º ano. (8/12/06).

Neste sentido, no início de 2006 a SMEC realizou reuniões com as professoras que trabalhariam com o 1º ano, a fim de orientar e subsidiar a organização do trabalho a ser desenvolvido. A Assessora relatou que durante as reuniões as professoras manifestavam preocupação sobre o que e como trabalhar e se deveriam ou não alfabetizar. Relatou ainda, que as professoras solicitavam “orientações definidas” como, por exemplo, listagem de conteúdos e temáticas, ou seja, algo que subsidiasse o trabalho para o 1º ano, mas isso não ocorreu porque o objetivo era de que fosse construído coletivamente, partindo da leitura e do estudo do material disponibilizado pelo MEC e também da troca das práticas desenvolvidas no 1º ano; nessa perspectiva que foi organizado o Projeto do Curso de Capacitação.

Consideramos importante analisar esse documento, uma vez que a expectativa da SMEC era de que o mesmo proporcionasse subsídios para as professoras organizarem uma proposta de trabalho para 1º ano.

O Projeto com 8 páginas, apresenta: dados de identificação (órgão promotor, setor, assessoria responsável) e de caracterização (título, público alvo, local, horário,

carga horária, período de execução e número de participantes), justificativa, objetivos gerais e específicos, metodologia, recursos utilizados durante o ano, dois quadros mostrando respectivamente, as atividades previstas para o 1º e o 2º semestre de 2006 e referências bibliográficas.

Ao analisar o documento identificamos referência à Lei 11.274/2006, que dispõe sobre o ingresso da criança com 6 anos no EF e também a um levantamento de dados estatísticos do IBGE sobre a situação de escolarização das crianças nessa faixa etária, apontando que a obrigatoriedade escolar brasileira é uma das menores da América Latina. Na justificativa é ressaltada a importância de não se considerar essa mudança meramente administrativa, restringindo a discussão ao aumento do tempo da criança na escola e sim ao aproveitamento desse tempo, pois segundo consta no documento:

[...] é preciso atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, o que implica conhecimento e respeito as suas características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas. (SMEC, 2006, p. 2).

E ainda:

[...] oportunizar aos nossos educadores criarem uma nova visão para a educação das crianças contemporâneas, a fim de estabelecerem propostas pedagógicas que promovam o cuidado e a educação das crianças num contexto prazeroso e lúdico, o que pressupõe a escuta e a conversa – dar voz às crianças [...] (SMEC, 2006, p. 2).

Outros dois aspectos referentes à criança nos chamaram a atenção. Um é sobre a articulação entre cuidado e educação proposto nas Diretrizes Curriculares para Educação Infantil[8], aspecto que passa a ser considerado no EF com a inserção da criança de 6 anos nessa etapa de ensino. Outro é a perspectiva da criança como sujeito que tem voz, isto é, que merece ser ouvido, considerado, com uma participação mais ativa no espaço de sala de aula. Uma crítica ao modelo do EF vigente até então é a despreocupação com aspectos fundamentais a infância, ou seja:

[...] a escola de Ensino Fundamental tem constantemente se preocupado com o aluno, com o currículo, a avaliação, mas dificilmente têm demonstrado preocupações com as culturas, a imaginação, o pensamento simbólico, a oralidade, a cultura popular, a ludicidade e outros temas tão caros à educação das crianças pequenas (SMEC, 2006, p.3).

Para o Curso foi previsto 20 horas destinadas à leitura e encontros mensais abordando os seguintes temas: Crianças de 6 anos no EF, Alfabetização e letramento, Psicogênese da alfabetização, Metodologia do ensino da Matemática, Consciência Fonológica, Fases evolutivas da criança, A criança e o movimento, e O lúdico no desenvolvimento da criança.

Ainda em consonância com o documento do MEC e com as temáticas dos encontros com as professoras observamos no Projeto, diversos objetivos dentre os quais ressaltamos cinco: a) conhecer a infância e sua singularidade; b) perceber as múltiplas dimensões da criança nesta faixa etária; c) valorizar as diferentes linguagens da infância. d) repensar a prática pedagógica tendo como eixo-alfabetização e letramento; e) aplicar a psicogênese tendo-a como indicador do nível de leitura e escrita que as crianças se encontram.

Analisando esses objetivos podemos inferir que a concepção de alfabetização e letramento apontada pela SMEC refere-se, de certa forma, aos estudos de Magda Soares de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) uma vez que a psicogênese passa a ser considerada como um indicador de leitura.

Em relação aos objetivos sobre infância, percebemos a intenção de focar a criança real e com identidade própria em uma proposta que possibilite a aproximação das vivências fora da escola.

Planos de trabalho e o Diário de Classe

Até maio de 2007, a SMEC não havia disponibilizado um programa oficial para o 1º ano do EFNA, pois de acordo com a Assessora: “[...] temos e não colocamos no papel ainda.” (16/05/2007). Nesse sentido, optamos por analisar três Planos de Trabalho de diferentes escolas, os quais foram elaborados de acordo com as orientações propostas no Curso de Capacitação.

A escola A é considerada de porte médio com aproximadamente 900 alunos e localiza-se na periferia do município. A escola B é de porte médio e atende em torno de 500 alunos distribuídos na EI e EF. A escola C é considerada de pequeno porte, atendendo aproximadamente 300 alunos[9].

Mesmo que este texto não tenha o propósito de aprofundar questões sobre currículo[10], ressaltamos que trabalhamos com dados referentes à dimensão das decisões prévias[11], ou seja, o planejamento.

Na parte inicial dos documentos há somente um cabeçalho com a identificação da escola e os seguintes títulos para cada um deles: Objetivos do 1º bimestre, Objetivos do 1º semestre e Temáticas previstas para o 1º trimestre, o que indica como cada escola se organizou em relação ao planejamento. Enfatizamos que a proposta da escola B difere das demais propondo a construção do currículo “junto com as crianças”, considerando os interesses, as vontades e as necessidades das mesmas.

Encontramos nos trabalhos de Junqueira Filho (2003) um enfoque que se assemelha a essa proposta, ou seja:

[...] procuremos as crianças nas diferentes linguagens através das quais elas se produzem – e por elas são produzidas – e encontraremos o fio condutor que nos levará aos conteúdos sobre os quais iremos, prioritariamente, conversar, estudar, pesquisar, organizar – mais do que outros -, a partir de projetos de trabalho (p.89).

Nessa perspectiva, Junqueira Filho propõe “um planejamento organizado em dois momentos: uma parte cheia e uma parte vazia” (2003: 85). A parte cheia é pensada pelo professor antes de conhecer os alunos, a partir de seus conhecimentos pedagógicos. A parte vazia vai sendo preenchida através do contato com as crianças, com as respostas dadas por elas no decorrer das aulas, de certo modo, muito parecido com o planejamento proposto pela escola B. Em anexo apresentamos um quadro com os objetivos dos três Planos de Trabalho que identificamos fazer referência à infância e à alfabetização, considerando que essa envolve oralidade, leitura ou escrita.

Analisando o quadro inferimos que os objetivos 1, 3, 4, 8 da escola 'A' estão diretamente ligados à oralidade, pois privilegiam a organização do pensamento e das palavras para expressão de idéias. Os objetivos 6 e 7 envolvem a escrita propriamente dita e o 5 ressalta o desenvolvimento da motricidade. Os objetivos 2 e 9 apresentam uma perspectiva de reconhecimento de si como sujeito único e diverso, o que de certa forma vem ao encontro da perspectiva do Projeto que traz a concepção da criança como um ser único inserido em um contexto social e cultural, capaz de pensar e se expressar. De acordo com Soares:

É preciso reconhecer que o acesso inicial à língua escrita não se reduz ao aprender a ler e escrever no sentido de aprender a grafar palavras e decodificar palavras- não se reduz à alfabetização no sentido que é atribuído a essa palavra. É parte integrante e principal do acesso ao mundo da escrita, mesmo do inicial a esse mundo, o aprender a fazer uso da leitura e da escrita (2009, p.7).

Encontramos nos itens da escola 'B', uma proposta que vai ao encontro da perspectiva apontada por Soares a qual está organizada em dois momentos: das temáticas previstas que se referem ao esperado do aluno como nos itens 2 e 3, e das trabalhadas, ou seja, o que é proposto aos alunos, como o item 1. Entendemos que estes três itens são específicos da alfabetização assim como o 4, mesmo sendo destinado a motricidade.

Comparando os três Planos, podemos dizer que no da escola 'B' há maior articulação entre temáticas, a exemplo o tópico 1, o qual envolve valorização do eu e do coletivo, a construção de histórias considerando o contexto cultural do grupo e a socialização do trabalho através da confecção de cartazes. Outros aspectos da alfabetização como a oralidade, a leitura e a escrita estão presentes nos tópicos 2, 3 e 4 respectivamente.

Estes aspectos também são evidenciados na escola 'C', nos objetivos 2, 3, 4, 5, 6 e 7. O objetivo 1 aponta para individualidade e para o coletivo, articulado a oralidade.

De modo geral, todos os Planos têm a intenção de proporcionar às crianças a inserção no universo letrado e escolar através da valorização das individualidades, da construção de uma identidade da turma e do trabalho coletivo.

Após a apresentação e análise dos Planos, analisamos o Diário de Classe de uma professora do 1º ano e através de seus registros buscamos referências sobre alfabetização e infância. Um dos motivos que nos fez considerar esse material foi a reflexão diária escrita pela professora após o planejamento de cada aula. Nessa reflexão a professora descreve o que realmente foi desenvolvido, as ações das crianças, seus avanços, interesses e dificuldades diante das atividades propostas e das situações vividas.

O Diário está organizado em dois cadernos: um apresenta na primeira folha o nome da escola, da professora, da turma e a nomenclatura 1º trimestre e no outro a continuidade dos registros das atividades. Em ambos há o registro diário das atividades, inclusive as folhas fotocopiadas que foram disponibilizadas para os alunos e eventuais recados/avisos entregues pela escola, como por exemplo, reuniões com professores e/ou com pais, mensagens distribuídas nas reuniões, programações especiais da escola como festas comemorativas e passeios, entre outros.

Os registros iniciaram em 10/03/06 e terminaram em 05/12/06. Das aulas registradas no Diário foi possível identificar a seguinte rotina: formação da rodinha; música de 'Boa tarde'; oração de 'agradecimento', desenvolvimento das atividades e avaliação da aula. Nas primeiras aulas do ano observamos muita atividade livre, manuseio dos brinquedos da sala e dos que traziam de casa.

Nos primeiros dias de aula identificamos, através do registro da fala de uma criança, que o trabalho de alfabetização já havia começado: "Tia olha as letras do meu nome L S A U (embaralhadas)" (Diário: 14/03/06).

A atividade realizada na chamada, incentiva e impulsiona aspectos da alfabetização, como podemos perceber através da escrita da professora: "Na chamada o interesse está crescendo, estão conseguindo realizar mais associação e já existe uma cooperação no auxiliar com a letra e dizer mais coisas em relação a letra do amigo" (Diário: 11/04/06). O uso de crachás com as letras dos nomes e a dinâmica com jogos, dentre os quais citamos como exemplo o dominó de letras, caixa das letras e bingo das letras[12]; preguicinha[13], dominó de sílabas, crachá com as sílabas dos nomes e bingo dos nomes[14], caixa de palavras e letras avulsas[15] também são exemplos de atividades que envolvem a alfabetização.

Os próximos relatos possibilitam-nos inferir que atividades envolvendo música, dança, desenho e brincadeiras fazem parte do cotidiano desta turma

proporcionando um trabalho com outras linguagens. Também a descrição de trabalho indica que a criança é respeitada em sua individualidade, em suas escolhas e motivada a conhecer outras formas de desenvolver suas potencialidades. “Ouvimos os CDs que eles trouxeram, cantamos, dançamos enquanto uns optaram por desenhar, outros brincar com brinquedos trazidos de casa, outros com os jogos dos armários, e outros empilhando, formando estradas com caixas de papelão” (Diário: 17/03/06). “Trabalhar o movimento e a oralidade através da música e, em seguida a formação de um pequeno texto” (Diário, 21/09/06).

Além da música, a oralidade é explorada em diversos momentos da aula e em muitos deles a articulação com a escrita e a leitura estão presentes: “[...] conversar sobre a história contada no dia anterior (galinha ruiva) para posteriormente, eles criarem seu próprio livrinho desafiando-os a escrever como acham” (Diário: 18/04/09); “em sala de aula, voltamos a estória do dado (com imagens) e fomos registrá-la. Escolheram como título: ‘O Patinho’ (...) Escrevemos: O nome do patinho é Quá-Quá. O patinho nada na lagoa” (Diário, 02/08/06).

Os registros do diário, de modo geral, demonstram que há uma preocupação em que as crianças escolham, decidam, se organizem, enfim, que sejam autoras de suas aprendizagens. Isso significa que elas podem escolher entre as opções oferecidas, contudo, seus sentimentos e pensamentos são percebidos e valorizados pela professora, ou seja: “Usamos o caderno copiando a data e duas palavras já conhecidas, estavam felizes em usar o caderno e o cuidado era total” (04/07/09).

O trabalho desenvolvido pela professora, perceptível através dos registros em seu diário, incide em uma reelaboração do trabalho pedagógico para o 1º ano trazendo outras possibilidades pedagógicas que podem contribuir para o processo de desenvolvimento integral da criança, isto é, traz como foco de seu trabalho a criança. Tal concepção compartilha do pensamento de Sarmiento (2000) ao defender que “a infância é uma categoria social, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo” (p. 157).

Essas ações e interpretações sobre o mundo são realizadas, principalmente, através da ludicidade, uma das características fundamentais das culturas das infâncias. Assim, o brincar livre e o dirigido, o trabalho com música e dança, como citados através dos registros, são condições necessárias para a aprendizagem

nessa faixa etária por respeitar a identidade do universo infantil,, reconhecendo através de simples ações as aprendizagens ali existentes.

Enfim, o que podemos dizer sobre os caminhos percorridos na implantação do EFNa?

Tomando como referência de análise: três entrevistas semi-estruturadas, o Projeto de Curso de Capacitação, material do MEC de 2006, três Planos de Trabalho e um Diário de Classe de uma professora do 1º ano, podemos dizer que há consonância entre a proposta do MEC e o Projeto elaborado pela SMEC do Rio Grande. Ambos sugerem uma reorganização na prática pedagógica que vem ocorrendo até então, tanto em relação à alfabetização como em relação à consideração das diferentes infâncias no contexto escolar.

Há nas propostas analisadas preocupação em desenvolver a oralidade, escrita, leitura e motricidade, aspectos presentes na alfabetização, assim como, tentativa em contextualizar o que será proposto e valorizar aspectos da cultura infantil. Histórias infantis e aspectos do cotidiano das crianças aparecem nos três Planos como motivadoras da ampliação do vocabulário, do posicionamento crítico, da construção da identidade, encadeamento de idéias e também no Diário de Classe.

A partir dos materiais analisados, podemos afirmar que, ao menos enquanto planejamento, aspectos do material do MEC como da SMEC estão de certa forma contemplados, contudo se faz necessário analisar as práticas que estão sendo desenvolvidas atualmente para que possamos apreender procedimentos que não são possíveis nos documentos prévios. Tais investimentos estão sendo realizados ao longo deste ano e possibilitando avançar nossas análises, assunto que será tratado em outra ocasião.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações gerais para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre Artes Médicas. 1985.

GORNI, Doralice Aparecida Paranzini. Ensino Fundamental de 9 anos: estamos preparados para implantá-lo? In, *Ensaio Política Pública Educacional*. Rio de Janeiro, v.15, nº54, p.67-80, jan-mar de 2007.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. Linguagens geradoras: um critério e uma proposta de seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. In: **Cadernos de Educação**. Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação, ano 12, nº 21, jul./dez. 2003. Pelotas: FaE/UFPEL, 1992, semestral.

LIMA, Elvira Souza. A criança de 6 anos no Ensino Fundamental. In *Revista Criança, MEC - Dezembro, 2006*

PANGEL, Sandra Denise e NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. A criança de 6 anos no Ensino Obrigatório: um avanço social. In *Revista Criança, MEC - Dezembro, 2006*

PERES, Eliane Teresinha. **O conceito de currículo na literatura educacional crítica**: uma contribuição às pesquisas no campo curricular. In: *Cadernos de Educação/UFPEL, Pelotas (12): 35-49, jan./julh. 1999.*

RIO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. **Projeto de curso**: capacitando Professores para atuar no 1º ano do Ensino Fundamental de nove anos. 2006.

SARMENTO, Manuel. Sociologia da Infância: correntes, problemáticas e controvérsias. In: **Sociedade e cultura 2**, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia, vol. 13, p. 145-164.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento na Educação Infantil. In *Pátio Educação Infantil, Ano VI, nº20 jul/out 2009.*

[1] Utilizamos o termo rede por ser mais abrangente uma vez que estamos tratando de documentos não só da SMEC, como de escolas e de uma professora.

[2] Pesquisa coordenada pela Prof^a. Dra. Eliane Peres (FaE-UFPeI) e financiada pelo CNPq desde 2008.

[3] A primeira entrevista foi realizada no dia 8/12/2006 e a segunda no dia 16/05/2007.

[4] Entrevista realizada no dia 8/12/2006.

[5] Projeto elaborado pela Assessoria do Ensino Fundamental e disponibilizado pela Assessora pedagógica.

[6] Dois fornecidos por professora do 1º ano e uma pela Assessora pedagógica.

[7] BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

[8] CNE/CEB. PARECER Nº 022, 17 DE DEZEMBRO DE 1998. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Deu origem a Resolução CEB nº1 (7 de abril de 1999).

[9] Estes dados sobre as escolas foram disponibilizados pela Assessora Pedagógica no mês de Junho de 2008.

[10] Para mais esclarecimentos sobre o assunto consultar SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

[11] As dimensões das decisões prévias é a do vivido em sala de aula e é discutida por PERES, 1999.

[12] Mais identificados até o dia 12/06/06.

[13] Envelope em que a professora vai retirando lentamente a palavra que consta dentro do mesmo, com o objetivo de que os alunos identifiquem as letras usadas para escrever a palavra.

[14] Mais identificados até o dia 29/08/06.

[15] Identificados até os últimos registros.

ESCOLA A	ESCOLA B	ESCOLA C
Objetivos do 1º semestre	Temáticas Previstas para o 1º trimestre	Objetivos para o 1º bimestre
<p>1- Expressar-se através do desenho, fala, modelagem...</p> <p>2- Identificar-se como ser único e ativo no meio onde vive;</p> <p>3- Relatar fatos acontecidos de forma organizada, com clareza situando-se no tempo.</p> <p>4- Ampliar seu vocabulário a partir de trocas de experiências.</p> <p>5- Realizar atividades de motricidade fina (pintar, recortar, colar, desenhar, escrever...) e ampla (pular, correr, saltar, brincar...);</p> <p>6- Reconhecer as letras do seu nome escrevendo-o de forma correta;</p> <p>7- Identificar letras e números nas atividades cotidianas;</p> <p>8- Interpretar histórias e fatos sendo capaz de posicionar-se e ter pensamento crítico.</p> <p>9- Reconhecer e respeitar as diferenças raciais, sociais e de gênero.</p>	<p>1- Introdução às letras do alfabeto;</p> <p>2- Identificação das letras (vogais e consoantes);</p> <p>3- Expressão oral e escrita;</p> <p>4- Habilidades Psicomotoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> * Esquema corporal; * Motricidade ampla; * Motricidade fina; * Percepção espacial; * Percepção temporal; <p>Temáticas trabalhadas a partir da Observação do grupo</p> <p>1- Construção da identidade individual, através da criação de um álbum com a história e preferências de cada criança, e também da identidade coletiva através da escolha do nome da turma: “Amigos da Natureza” e elaboração de cartazes que caracterizassem a mesma;</p> <p>2- desencadeamento do Projeto “Planeta Terra” que surgiu a partir de uma roda de conversas;</p> <p>3- Incentivo à leitura, visto que os alunos eram carentes de contato com diversos portadores de textos.</p>	<p>1- Desenvolver a capacidade no educando de pensar por si mesmo, dentro de um ambiente seguro de cooperação e respeito; onde possa expressar-se livremente;</p> <p>2- Participar da hora do conto com entusiasmo e interesse;</p> <p>3- Identificar e reconhecer as letras do nome formando-o de forma correta e legível;</p> <p>4- Realizar atividades como: pintar, recortar, colar, rasgar, cantar, brincar, desenhar, contar histórias, utilizar massa de modelar e material de sucata, bem como confeccionar dobraduras entre outras;</p> <p>5- Ampliar seu vocabulário a partir de trocas de experiências ente colegas e professora;</p> <p>6- Aprimorar a motricidade fina e ampla através de exercícios e atividades direcionadas;</p> <p>7- Organizar idéias e transmiti-las oralmente;</p>

* Dados retirados dos Planos de Trabalhos fornecidos pelas professoras no ano de 2006.